

PARAÍSO TERREAL – INFLUÊNCIA DOS LIVROS NAS DESCRIÇÕES DO MUNDO NOVO

Arnaldo Lyrio Barreto
Pós-doutor em Sociologia, Pesquisador do IBGE
arnaldo.barreto@ibge.gov.br

A ideia de um lugar especial, protegido por deuses, onde a vida humana seria farta e livre de sofrimentos, reservada para aos mais crentes e aos bons homens nos acompanha desde há muito. O dito “Paraíso”, com forte influência das religiões abraâmicas, sempre esteve no imaginário de reis e escravos, e, no momento das grandes descobertas, muitos navegadores relataram o Novo Continente como o local dos relatos do livro do Gênesis, das histórias de Marco Polo e mesmo de Dante Alighieri. O objetivo aqui foi, pois, verificar a influência destes textos existentes antes das grandes descobertas e, mais ainda, apresentar aos leitores como os navegadores estavam impressionados e embriagados com a beleza do Novo Continente e a ideia de terem achado o Paraíso com as descobertas.

“No princípio, Deus criou o céu e a terra... Deus disse: Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra,, Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos e que as aves voem acima da terra... Deus disse: Eu vou dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente.... No tempo em que Iahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha crescido, porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, um manancial subia a terra e regava toda superfície do solo. ... Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores famosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida, no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.... Eles ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia...” (BÍBLIA, 1999).

O local em que viviam era muitas vezes quase inóspito, com os rigores desérticos, numa imagem em que hoje percebemos o interior árido de regiões hoje conhecidas como a Etiópia (ou Abssínia), o Irã, Iraque, Afeganistão, Israel e adjacências. Era óbvio e natural que o ‘paraíso’ fosse um lugar onde a brisa soprava, as muitas árvores davam sombra e frutos, a água era abundante e corrente, onde o homem tinha sua mulher e seus animais, onde o esforço não era necessário e, mais ainda, Deus estava presente e caminhava ao lado do descanso humano. Esse era o ‘paraíso’ desejado pelos homens daquela época.

Se por um lado a Bíblia está repleta de descrições do Paraíso, os gregos por sua vez também criaram o Hades, no qual Caronte, o barqueiro, levava os falecidos do mundo dos vivos através de um grande rio. Caronte cobrava por seus serviços e era costume no mundo

helênico enterrar os mortos com uma moeda na língua do cadáver. O não pagamento a Caronte poderia implicar no espírito do morto permanecer vagando às margens do rio, em agonia e desejo por estar no Hades. O Hades era o reino dos mortos e sua localização inicial era para o Oeste, depois do horizonte do rio Oceano (Oceano era, até os grandes descobrimentos, o Oceano Atlântico e são muitas as referências ao Mar Oceano nos escritos dos pilotos das expedições marítimas). O poeta Virgílio (século I a.C.) escrevia que a entrada do Hades deveria ser pelo vulcão Vesúvio, pois de lá saía o cheiro bem forte de enxofre, que ele deduzia ser o cheiro muito ruim das profundezas desse mundo dos mortos. No Hades estavam os Campos Elísios, onde os heróis e os justos poderiam ficar por até 1.000 anos num local onde brilhava o sol e havia uma cascata de vinho que por mais que se bebesse dele, ninguém ficava embriagado (depois desses até 1.000 anos, as 'almas' poderiam reencarnar desde que se esquecessem do que viram na vida na terra e no Hades), e o Tártaro, que era representado como o inferno da tradição judaico-cristã. No Tártaro as Erínias (três deusas da vingança, chamadas Alecto, Megera e Tisífone – consideradas as Fúrias pelos romanos), junto com as Queres (deusas das mortes cruéis, violentas e antes da hora, como Híbride e Poinê), aborreciam os condenados à esse Inferno.

Novamente aqui o Paraíso é ilustrado com elementos desejáveis em uma Grécia antiga, onde os rigores do inverno seriam amenizados pelo sol sempre presente e o vinho, a bebida dos deuses e dos poderosos, era servido sem mensura e sem riscos de embriaguez.

Enfim, por mais de 1.000 anos, paraíso e inferno estiveram mais do que na pauta de eruditos, no imaginário social de centenas de gerações ocidentais. Na Idade Média os teólogos não duvidavam de que o Paraíso fosse um lugar físico na Terra e não foram poucas as tentativas de se chegar a um mapa ou pelo menos referências geográficas para se chegar lá. São inúmeras também as tentativas de interpretar a Bíblia na busca dos 4 (quatro) rios que esquadrihavam o Paraíso: Pison, Ghion, Tigre e Eufrates como sendo, respectivamente, o Prata, Amazonas, Madalena e Orenoco, todos estes no Novo Continente. Tomás de Aquino, nascido por volta de 1225, situa o Paraíso no Oriente, seguindo a tradição dos estudos anteriores a ele, afirmando que tal terra deveria estar num lugar muito temperado, ou no equador ou algures.

É fato que os escritos de Marco Polo, nascido em Veneza em 1254 e que foi um dos precursores da Rota da Seda, como as obras *As Viagens de Marco Polo* e *A Descrição do Mundo*, certamente inspiraram muitos navegadores, pois nestes são descritas as visitas aos reinos do oriente, numa belíssima história de riquezas, aventuras, reis e sultões e muita coragem. Ressalto que não somente navegadores foram influenciados por tão interessante leitura mas também teólogos, tanto que julgavam que o Paraíso poderia estar na Ásia quanto na América descoberta estaria Cipangu, como afirmou Colombo (HOLANDA (2010) sugere a corruptela de Cipangu – no Japão de Marco Polo – por Cibao – na República Dominicana de Colombo).

Outro autor certamente conhecido na época dos grandes Descobrimientos é o italiano Dante Alighieri, autor da Divina Comédia nas primeiras décadas do ano de 1300. Muitíssimo inspirado pela literatura grega, Dante criou poemas que descreviam o Inferno, o Purgatório e o Paraíso como círculos concêntricos que a cada espiral de cada local desses, as penas aumentavam ou diminuía, assim como as benesses. Dante é acompanhado a maior parte do tempo em que visita esses três locais pelo poeta Virgílio, o mesmo já citado neste trabalho, o que demonstra a admiração de Dante pela cultura grega (e sua influência). O nível mais baixo do Inferno é o nono círculo, onde ficam os traidores e, ao contrário dos círculos anteriores,

não há fogo mas somente muito frio. O Paraíso também teria círculos concêntricos, que faziam parte da cosmovisão da Idade Medieval.

Portanto, temos aqui uma visão panorâmica sobre algumas das possíveis leituras de interesse dos grandes navegadores: a Bíblia religiosa, os escritos gregos, a leitura aventuresca de Marco Polo e os poemas de Dante Alighieri.

Mas o que pensavam estes navegadores, como Colombo e Cabral? A explicação mais habitual é a da busca do novo caminho para as Índias, numa rota mais direta e mais barata que as habituais da época. A vontade de expansão marítima, buscando terras para colônias também é um fato. Mas a curiosidade, o conhecimento, a fantasia, a aventura, a vontade de ter seus nomes escritos na história, de encontrar o Paraíso Terreal e aumentar os crentes à Igreja de Roma também faziam parte desse impulso ao mar Oceano. Um *mix* de enriquecimento financeiro e *status* social com também um ar de pia credulidade, algo bastante mundano mas também repleto de ideais religiosos.

É surpreendente que Colombo, mesmo tendo certeza de que havia achado o Paraíso, busca incessantemente ouro e outras riquezas na América recém-descoberta, para pilhá-lo ou, pelo menos, levar algumas amostras aos reis de Espanha. Muitíssimo interessante que, ainda que com tais sentimentos díspares mas ao mesmo tempo convergentes, correlaciono as ações de Cristóvão Colombo e de Pedro Álvares Cabral com o mito grego de Prometeu, deus menor que roubou do Olimpo o fogo para dá-lo aos homens.

Enfim, penso que sejam 5 (cinco) as constatações que os grandes navegantes fizeram e que os levaram a concluir que estavam pisando nas terras do Paraíso e trago alguns trechos para comprovar:

1ª) Localização incerta, abaixo da linha do Equador e longe do Velho Continente – a) “...bem disseram os sagrados teólogos e os sábios filósofos ao afirmar que o Paraíso terrestre está nos confins do Oriente... De modo que as terras, agora descobertas, são os confins do Oriente” (COLOMBO,2010,p.116); b) Creio que, se eu passasse abaixo da linha equinocial, ao chegar lá, na parte mais alta, encontraria temperatura muito maior e diferença nas estrelas e nas águas; não porque creia que ali onde a altura seja máxima seja também navegável ou haja água, nem que se possa subir até lá, mas porque creio que ali é o Paraíso terrestre, aonde ninguém consegue chegar, a não ser pela vontade divina (op.cit.,p.158-159); c) “Foi também preciso frisar os valores temporais... foi necessário invocar o conceito e a opinião daqueles que descreveram e situaram o mundo [Marco Polo e Pedro d’Ailly]...Estes são os grandes indícios do Paraíso Terrestre, porque o lugar é conforme ao parecer dos santos e sagrados teólogos, e ainda porque os traços estão em muito de acordo... (op.cit.,p.159).

2ª) Muito verde; a) Foi uma coisa deslumbrante ver o arvoredos, o frescor das folhagens, a água cristalina, as aves e a amenidade do clima... parecia-lhe estar encantado....(COLOMBO,2010,p.71); b) Dei a esse lugar o nome de “Jardins”, por ser o que lhe convém... (op.cit.,p.153).

3ª) Clima nem frio e nem quente; a) E asseguro a Vossas Majestades que não me parece que sob a luz do sol possa haver melhores em abundância em matéria de fertilidade, de temperança de frio e calor... (COLOMBO,2010,p.71); b) Nisto, muito ajuda o clima ameníssimo. (op.cit.,p.79).

4ª) Abundância de água (primavera perene); a) ...de abundância de águas boas e sãs, ao contrário dos rios da Guiné, que são todos pestilentos (COLOMBO,2010,p.71); b) ...que jamais li ou ouvi que tanta quantidade de água doce se encontrasse tão dentro e tão misturada com a salgada. ...; c) ...o entanto, se esta água não provém do Paraíso, então é maior a maravilha, porque não creio que se encontre no mundo um rio tão grande e tão profundo." (op.cit.,p.79).

5ª) Habitantes terem a morte retardada. a) ...louvado seja Nosso Senhor, até hoje em toda a minha tripulação não teve ninguém que passasse mal da cabeça ou ficasse de cama por doença." (COLOMBO,2010,p.71); b) "E todos que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pelo do rabo dos cavalos e curtos... todos, sem exceção, têm pernas bem torneadas, e nenhum tem barriga, a não ser muito bem-feita" (op.cit.,p.47-48); c) "a feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma... porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser" (Caminha,2002).

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. São Paulo: Martin Claret, 4ª reimpressão, 2010.
- AQUINO, Santo Thomás de. **Suma Teológica**, Ia, qu. 102, art. (Ed. Do Cerf, 11, p. 281).
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- COLOMBO, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- EPISTEME. Rio Grande do Sul: UFRGS, nº 15, ago./dez. 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: CIA das Letras, 2010.